

..... Artigo

Edgar Morin, um humanista planetário

Edgar Morin, a planetary humanist

DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2021i29p8-20>

Maria Margarida Cavalcanti Limena¹

Resumo: Este artigo presta uma homenagem a Edgar Morin, celebrando o seu centenário. Aos 100 anos, Morin continua a ser o intelectual infatigável, íntegro e polivalente, cujas ideias vêm contribuindo significativamente para as diversas áreas do conhecimento. Passando por sua trajetória intelectual, desde a construção de uma razão aberta – crítica e autocrítica - que possibilitou a Morin a configuração das bases para sua reflexão sobre *O Método*, bem como suas análises sobre os diversos temas que perpassam sua vastíssima obra, busca-se aqui recuperar as bases de seu pensamento, o que fornece outros parâmetros para pensar o mundo e o homem, naquilo que ele tem de complexo: sua vida, seu destino, as possibilidades de realização de sua humanidade. Suas ideias sinalizam a possibilidade de construção de uma política de civilização capaz de proporcionar à sociedade o pleno desenvolvimento das capacidades humanas e técnicas, por meio da busca pela religação e pela complexidade, que se nutrem de um novo pensar, a partir de um humanismo reformulado em função das incertezas inerentes às possibilidades de um futuro melhor para nossa comunidade de destino. Por meio de seu compromisso permanente entre a cultura científica e a cultura das humanidades, como premissa para a formação, chega-se ao Edgar Morin centenário, que continua a desempenhar a tarefa de convocar as novas gerações a resistir, propondo uma política de civilização capaz de formar cidadãos planetários, solidários e éticos.

Palavras-chave: Complexidade; Pensamento complexo; Política de Civilização; Razão Aberta.

Abstract: This article pays tribute to Edgar Morin, celebrating his centenary. At the age of 100, Morin continues to be a tenacious, integrate, and polyvalent intellectual whose ideas have significantly contributed to the various areas of knowledge. His intellectual journey, from the construction of critical and self-critical reasoning, had enabled Morin

¹ Maria Margarida Cavalcanti Limena é Doutora em Sociologia e Mestre em Antropologia pelo PEPG em Ciências Sociais da PUC-SP. Foi professora do Departamento de Sociologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo de 1986 a 2017, ministrando cursos na Graduação e no PEPG em Ciências Sociais. Foi membro do Núcleo de Estudos da Complexidade da PUC-SP, desenvolvendo pesquisas e outras atividades acadêmicas. Contato: margalimena@gmail.com

to set the bases for his reflection on The Method, as well as of the various themes that permeate his vast work. Here, we aim to recover the foundations of his thoughts, providing other parameters for free-thinking about the world and Mankind, on what is complex: life, destiny, and the possibilities for the realization of his humanity. His ideas allow the opportunity of building a policy for civilization, providing society with the full development of human and technical capabilities. Through the search for reconnection and complexity, he nourishes new reasoning based on a reformulated humanism due to the uncertainties inherent in the possibilities of a better future for our destination community. Through his permanent commitment between scientific culture and the culture of the humanities, as a premise for training, the centenary Edgar Morin continues to carry out the task of calling out new generations to resist, proposing a policy of civilization to form: planetary, solidary, and ethical citizens.

Keywords: Complexity; Complex Thinking; Politics of Civilization; Open Reason.

Edgar Morin: um humanista planetário

O pensamento complexo é aberto, não só à crítica, que deveria ser o status de qualquer teoria científica, filosófica, política, mas aberta à sua própria superação, aberta ao desconhecido, aberta à estranheza da existência, do mundo, do sujeito... (MORIN)

Entenda-se que não quero dar lições às pessoas. Tento aprender as lições de uma experiência secular e temporal da vida, e espero que sejam úteis para todos, não apenas para questionar sua própria vida, mas também para encontrar seu próprio Caminho (MORIN).

Edgar Morin completa, neste ano, 100 anos!

O centenário de Morin traz algo mais que um evento especial: é uma celebração muito especial, da vida de alguém que colocou, permanentemente, suas ideias na vida e a vida nas ideias como *modo* de vida, um exemplo de vigor intelectual, que se alimenta do *Espírito do Tempo*, que se libertou dos limites disciplinares, reunindo tudo o que o caracteriza como um dos grandes pensadores contemporâneos. É ao centenário deste infatigável intelectual íntegro e polivalente que aqui rendo minhas homenagens.

Edgar Morin me foi apresentado pelo Professor Edgard de Assis Carvalho, meu eterno mestre, mentor e amigo, que me guiou pelos caminhos e reflexões sobre o

Maria Margarida Limena Um humanista planetário

pensamento complexo, a quem também rendo minhas homenagens, por ter introduzido, no Brasil, perspectivas para um pensamento que vai além dos limites disciplinares. Foi por meio dele que pude estabelecer contato com as obras de Morin há mais de 20 anos e, desde as primeiras leituras, passei a reconhecer a possibilidade de enfrentar algumas das questões clássicas das ciências sociais – epistemológicas, teóricas e metodológicas – a partir de uma outra perspectiva e outros ângulos, capazes de superar os limites modelares e disciplinares de uma Sociologia assentada em bases tradicionais, restritivas e reducionistas quanto à apreensão da complexidade do real. Foram, inclusive, as idéias de Morin que abriram as portas para a leitura e compreensão de outros autores, procedentes de áreas de conhecimento tão distintas, mas cujos limites encerram sempre desafios semelhantes em termos da superação dos problemas teóricos e práticos, que me induziram a pensar o mundo de outras formas.

Em 2008, fui convidada, como representante do Conselho Universitário, a homenageá-lo por ocasião da concessão do título de Doutor Honoris Causa da Pontifícia Universidade Católica². Isto me colocou diante da tarefa de transmitir, a ele e aos presentes à cerimônia, palavras que, de fato, fossem representativas da estatura desse grande intelectual, colocando-me algumas questões: o que dizer de Edgar Morin, esse intelectual múltiplo que, por sua vida e obra vigorosas, possui reconhecimento internacional e significativa contribuição para as diversas áreas do conhecimento? Como caracterizar este intelectual, sem recorrer a enquadramentos, pertencimentos ou classificações?

Ele mesmo se diz um “contrabandista de saberes”. É um artífice do conhecimento que estabeleceu para si a tarefa de articular, juntar o pensamento fragmentado pela especialização e pela superespecialização disciplinares. É um intelectual movido pelos vários “demônios” que, ao longo de sua vida, levaram-no a assumir uma postura sempre crítica, mas também autocrítica, em sua missão de realizar um trabalho semelhante ao de Sísifo, em sua busca pela religação dos saberes. É esta

² O Professor Edgar Morin recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela PUC-SP, em 06/11/2008, em cerimônia realizada no TUCA. Trechos do discurso por mim proferido para homenageá-lo em nome do Conselho Universitário são aqui reproduzidos.

Maria Margarida Limena Um humanista planetário

postura, também, que produziu um pensamento capaz de enfrentar a diversidade da condição humana, configurando-se nas áreas de conhecimento empenhadas na tarefa de desencadear um projeto de regeneração humanista, regido pelas ideias de complexidade e transdisciplinaridade.

Desde o início de suas atividades, em 1945, é um intelectual que não separa as idéias da vida (e nem a vida das idéias), transitando livremente por entre as fronteiras entre as ciências da vida, do mundo e do homem; entre as artes e as humanidades; entre a razão e a emoção. Por estas razões, torna-se difícil enquadrá-lo numa área específica de conhecimento ou vincular seu nome a um pertencimento particular ou singular. A expressão “Humanista Planetário”, utilizada por Alain Touraine por ocasião da homenagem pelos seus 80 anos, realizada pela UNESCO, talvez seja, de fato, a mais adequada para nomeá-lo.

Disciplina intelectual, rigor e curiosidade caracterizam sua reflexão sobre a incompletude do conhecimento, sobre o inacabamento da cultura, do sujeito, das idéias, do mundo. É isto que o leva a questionar veementemente as verdades fechadas, as explicações finalistas, as ortodoxias, as certezas, conduzindo-o à realização de uma ciência com consciência, que tem por base um pensamento aberto, capaz de conciliar a reflexão sobre o macrossocial, planetário e as escolhas pessoais.

Para Edgar Morin, “a razão que ignora os seres, a subjetividade, a afetividade e a vida é irracional”. Em *Ciência com Consciência* (uma resposta ao pensamento científico, incapaz de se pensar, de pensar sua própria ambivalência e sua própria Aventura) Morin já defendia a necessidade de se instaurar uma razão aberta, capaz de retomar o pensamento enquanto arte e enquanto memória, rejeitando as simplificações tecnocráticas e tecnocientíficas. Não basta, nesse sentido, ver os perigos da informatização da sociedade ou as insuficiências da experiência. Torna-se necessário saber ver, saber pensar além da racionalidade e da racionalização que tomaram conta do desenvolvimento científico e do pensamento ocidentais.

É a construção desta razão aberta – crítica e autocrítica - que possibilitou a Morin a configuração das bases para sua reflexão sobre *O Método*, bem como suas

análises sobre os diversos temas que perpassam sua vastíssima obra, como, o cinema, a sociologia, a antropologia, a política, o imaginário, a cultura de massas, o mundo contemporâneo e seus desafios. Este é o espírito que animou Edgar Morin a construir uma obra colossal: mais de 70 livros, um número incontável de artigos, traduzidos e publicados em vários idiomas, além de entrevistas e vídeos.

É nessa perspectiva, também, que o pensamento pode romper com a ilusão da própria racionalidade ocidental, da qual julgamo-nos proprietários, substituindo a razão providencialista pela razão capaz de considerar a identidade do homem em sua complexidade. Para Morin, a racionalidade não pode existir apenas na aplicação do princípio de coerência aos dados fornecidos pela experiência. Tem que se articular com o desejo, com a vontade de diálogo, com a experiência e com o próprio mundo, reconhecendo seus limites. A racionalização erigida pela Razão ocidental, ergue-se acima dos fatos e assume um caráter de superioridade pelo excesso de sua própria lógica (disjuntiva, redutora) e pela recusa da complexidade do real, minando o pensamento em geral e, por conseqüência, o pensamento político (Morin, s/d, p.76).

Sob a égide de uma razão aberta, Morin situa a possibilidade de reforma do pensamento, a partir de bases que devem levar em consideração:

- Uma concepção de cultura - auto-organizadora, inacabada, mutável - que implica na necessidade de princípios ao mesmo tempo organizadores e críticos do conhecimento, com a finalidade de contextualizar, antecipar, globalizar;
- A aquisição dos princípios que permitem integrar as informações, articular, organizar os saberes que levem à formação de uma cultura auto-exo-produtora e auto-exo-organizadora (a integração da vida no saber e do saber na vida);
- A assunção da idéia de totalidade (categoria central nos modelos das ciências sociais), como algo inacabado, desmembrado, fragmentado, incompleto, o que preconiza a necessidade de um pensamento multidimensional;

Maria Margarida Limena Um humanista planetário

- O rompimento com as dualidades e com a fragmentação do conhecimento, abrindo a imensa possibilidade de conjugação entre a cultura humanística e a cultura científica;
- A centralidade do princípio da incerteza, que incide diretamente na nossa possibilidade de conhecimento, como possibilidade de superação dos obstáculos intelectuais (presentes no próprio meio, que cria mitos acerca da ciência e da razão); e,
- Os princípios do pensamento complexo: a dialogia, o princípio da recursão organizacional, o princípio hologramático; o tetragrama ordem, desordem, interações, organização (complementares, concorrentes e antagonistas).

Estas premissas encontram-se presentes em seu pensamento, permeando seu diagnóstico da agonia planetária que, para além da perplexidade e desorientação, fornece outros parâmetros para pensar o mundo e o homem, naquilo que ele tem de complexo: sua vida, seu destino, as possibilidades de realização de sua humanidade. Aquém de suas possibilidades, a complexidade do homem tem sido animada por idéias e ações políticas que se nutrem de um pensamento fechado, dogmático, instaurador de uma razão que, por sua vez, se colocou como o grande mito unificador do saber, da ética, da política e da sociedade.

No entanto, apesar das possibilidades implícitas na consciência planetária e do conhecimento científico ter desvendado as realidades cósmicas visíveis e invisíveis (que não suscitam mais espanto), a inserção da terra e do homem numa cosmologia à altura do terceiro milênio não faz parte da reflexão. A maneira de romper com a falsa racionalidade, isto é, com a racionalização abstrata e unidimensional que tem triunfado, implica numa reforma profunda do pensamento. Hoje, mais do que nunca, implica a possibilidade de restaurar a racionalidade contra a racionalização, em que a primeira deve ser "*aberta*" e poder "*dialogar com um real que lhe resiste*" (Morin, s/d, p.78).

A reforma do pensamento necessária, segundo Morin, é aquela que deverá gerar um pensamento do contexto e do complexo, ou seja, um pensamento capaz de respeitar o diverso sem deixar de reconhecer a unidade do homem; um pensamento ao mesmo tempo radical, multidimensional, capaz de considerar a organização do homem em seus

níveis físico, biológico e antropossocial, sem isolá-lo do meio; um pensamento que reconheça seus limites e que possa relacionar-se com a incerteza, as descontinuidades, os acasos. Um pensamento, enfim, capaz de reconhecer a complexidade, rompendo com o paradigma da simplificação, isto é, daquele que estabelece a ordem no universo e dele expulsa a desordem. A possibilidade de reforma do pensamento significa sua própria restauração, como forma de pensar o homem, a vida, o mundo e o real, que deve, necessariamente, retroagir sobre as consciências e orientar a ação.

A restauração das humanidades em crise implica na capacidade de se estabelecer um pensamento transdisciplinar, capaz ultrapassar os limites da especialização, da fragmentação e desintegração do conhecimento, do predomínio da informação sobre o acontecimento (hoje, cada vez mais contaminada nas redes e mídias sociais), do predomínio de uma ciência relativista - responsável pelos dispositivos de tratamento das *alteridades* e por minar as bases das humanidades -, da separação sujeito-objeto, aliadas às contra-marchas provocadas pelo próprio desenvolvimento científico.

A perspectiva de uma nova transdisciplinaridade, capaz de romper o desenvolvimento disciplinar (o próprio Morin afirma que "a ciência jamais seria ciência se não fosse transdisciplinar (MORIN, 1970, p.67) situa-se como uma necessidade histórica. Tem que significar, de fato, ultrapassar a disciplinaridade, reconhecendo a interdependência de todos os aspectos da realidade, instaurando não apenas um novo nível do discurso, mas uma outra atitude; e esta atitude deve ser capaz de situar o pensamento investigativo entre a lógica e a não-lógica, entre o racional e o irracional, restaurando as responsabilidades do pensamento no mundo.

Torna-se necessária, cada vez mais, uma perspectiva que deve ter por princípio uma dupla lógica, ou dialógica - racional e imaginal -, capaz de incorporar os itinerários míticos, mágicos e artísticos, articulando-se numa nova atitude científica. Talvez, essa seja uma tarefa por demais complexa, mas deve, sem dúvida, constituir um grande desafio, especialmente em relação aos educadores, responsáveis pela formação das futuras gerações.

Maria Margarida Limena Um humanista planetário

É este o pensamento que se encontra na base da atuação de Edgar Morin. Exemplo disso é sua participação nas oito jornadas temáticas³ realizadas na França em 1998, atendendo ao chamado pelo ministro da educação francês Claude Allègre para compor um conselho científico, com o intuito de problematizar o ensino de segundo grau e de fornecer sugestões para mudanças. Como a questão da educação diz respeito ao ensino em geral (mas também ao ensino superior, formador dos professores de segundo grau) Morin buscou enfrentar dois problemas: o desafio da globalidade, isto é, inadequação existente entre o modo de conhecimento – a partir de saberes fragmentados, compartimentados nas disciplinas e as realidades multidimensionais, globais, transnacionais, planetárias, das quais emergem problemas cada vez mais transversais, poli e até mesmo transdisciplinares; e a não pertinência, portanto, de nosso modo de conhecimento e de ensino que leva a separar os objetos de seu meio e as disciplinas umas das outras, impedindo que se possa pensar a complexidade do mundo e os problemas em sua multidimensionalidade.

Estes problemas definiram, por sua vez, a dupla finalidade das jornadas: adequação às finalidades educativas e adequação aos objetos naturais e culturais. Em relação às primeiras, a ação dos educadores deveria estar dirigida a: ensinar a condição humana, aprender a viver, ao aprendizado da cidadania e à “cabeça bem-feita”, que se traduz pela capacidade de organizar o pensamento, de religar e diferenciar, de contextualizar e globalizar. Em relação aos objetos naturais e culturais, as disciplinas deveriam apresentar uma adequação a objetos que sejam, ao mesmo tempo naturais e culturais, como o mundo, a terra, a vida, a humanidade e não retalhados e dissolvidos pelas disciplinas (física, química, biologia, mas também, pelas disciplinas que compõem as áreas de ciências humanas).

Em fina sintonia com valores humanitários, Morin acredita no reencantamento das utopias, na reforma do pensamento, na reforma da universidade e do ensino básico, como meio para o aprendizado da condição humana, da vida e da cidadania. Para ele,

³ As 8 Jornadas Temáticas, realizadas na França, foram publicadas e traduzidas no Brasil. Ver: A Religação dos Saberes: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002. Tradução de Flávia Nascimento.

esta religação dos saberes poderia reencontrar um caminho revigorado para respostas a questões como: quem somos, onde estamos, de onde viemos, para onde vamos?

Além de seu compromisso permanente com a religação entre a cultura científica e a cultura das humanidades, como premissa para a formação, Edgar Morin vem desenvolvendo outra tarefa: aquela de transmitir às novas gerações uma política de civilização, capaz de formar cidadãos planetários, solidários e éticos, por meio da construção de uma ética planetária, uma antropoética, uma antropolítica, que tem por base a ética de si, uma auto-ética.

Em sua trajetória, Edgar Morin nos fornece o exemplo cabal do sábio moderno, que se nutre de amor, poesia e sabedoria, que aposta no diálogo, ao invés da negociação; que cumpre realmente seu papel de intelectual polivalente, universalista e ético, enfrentando com vigor as contradições do cenário planetário contemporâneo.

Em seu texto *Tecnociências e sistemas complexos contemporâneos* (2003), o Professor Edgard de Assis Carvalho afirma que, para resistir e criar condições de autonomia e liberdade para o pensamento e para a ação, não basta pensar como um especialista, prisioneiro dos contornos de seu objeto de pesquisa, mas como “outsider vigilante”, que questiona a desumanização da vida e da cultura, de animais e de homens. Para isto, a exigência que se põe é a de intelectuais polivalentes, universalistas e éticos, que enfrentem com vigor as contradições do cenário planetário contemporâneo. Nesse sentido, a ciência e a técnica devem ser entendidas num amplo circuito de ambivalências e retroações, mesmo que as maiores descobertas da ciência - a gravitação universal, a estrutura do átomo, a relatividade, o *big-bang*, a mecânica quântica, a decifração do genoma - representem momentos irreversíveis que a história humana produziu sobre ela mesma.

Face às questões que fazem parte de uma nova agenda de problemas - a diversidade, a tolerância, a fragmentação, a solidariedade, as desigualdades -, o pensamento necessita de novas modalidades de reflexão, de modo a poder delinear as possibilidades de análise do mundo contemporâneo na relação entre ordem e caos.

Maria Margarida Limena Um humanista planetário

Esta ideia de “outsider vigilante” de Edgard de Assis Carvalho aplica-se perfeitamente a Edgar Morin, intelectual sempre pautado pela articulação entre responsabilidade, inteligência, criatividade, iniciativa e solidariedade que, por meio de um exercício otimista do intelecto, faz dialogar o sensato e o insensato, o particular e o universal, o isolamento e a solidariedade, o local e o global. Esta pode ser uma estratégia para enfrentar o imprevisto, o inesperado, a incerteza; mas, pode ser, também, uma condição necessária a uma atuação responsável, que deve navegar num oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certeza.

Mas Edgar Morin é, também, um intelectual que expõe corajosamente suas idéias políticas, não se escudando em palavras, sempre defendendo publicamente suas posições perante conflitos, guerras e outras questões cruciais de nosso tempo. Sempre se posicionou em relação à construção de possibilidades de escolha que impliquem não apenas em resistência pontual ou isolada, aos estragos da modernidade, mas, também, que possam resultar em esforços capazes de garantir a afirmação do sujeito ético.

Hoje, às vésperas de completar 100 anos, Morin é infatigável, determinado, apaixonado, um eterno estudioso, sempre com a mesma disposição para pesquisas, conferências, seminários, reflexões e conversas sobre os diversos temas que percorrem sua extensa obra. Ainda que confinado em sua casa em Montpellier, na França, ele continua a exercer plenamente sua atividade principal, a de resistir e combater as contradições do mundo contemporâneo, hoje assolado por uma crise sanitária global, pode-se dizer, sem precedentes. Exemplo disso são suas “Lições de um século de vida”, publicado pela Editora Denoel em junho de 2021 (<http://www.denoel.fr/Catalogue/DENOEL/Document/Lecons-d-un-siecle-de-vie>), em que retrata suas andanças e experiências de um século de complexidade humana “como um convite à “lucidez e à vigilância”, como observa o editor.

Em entrevista ao *Le Monde* (<https://www.lemonde.fr/idees/article/2020/04/19>), Morin interpreta a crise que assolou o mundo com a pandemia do coronavírus como uma policrise que, segundo ele, nos leva a questionar nosso modo de vida, “nossas reais necessidades mascaradas nas alienações da vida cotidiana”:

Como crise planetária, ela coloca em destaque a comunidade de destino de todos os seres humanos, ligada inseparavelmente com o destino bioecológico do planeta Terra; intensifica simultaneamente a crise da humanidade que não consegue se constituir em humanidade. Como crise econômica, abala todos os dogmas que governam a economia e ameaça agravar-se em caos e escassez em nosso futuro. Como crise nacional, revela as carências de uma política que favorece o capital em detrimento do trabalho, sacrificando a prevenção e a precaução para aumentar a lucratividade e a competitividade. Como crise social, dá destaque às desigualdades entre aqueles que vivem em pequenas habitações povoadas de crianças e pais e aqueles que foram capazes de fugir para sua segunda residência verde.

Como crise civilizacional, nos conduz a perceber as deficiências de solidariedade e a intoxicação consumista que nossa civilização desenvolveu; e nos leva a pensar em uma política de civilização (*Une politique de civilisation*, com Sami Naïr, Arléa 1997) . Como crise intelectual, deve revelar-nos o enorme buraco negro em nossa inteligência, que torna as complexidades óbvias da realidade invisíveis para nós.

Como crise existencial, nos leva a questionar nosso modo de vida, nossas reais necessidades, nossas verdadeiras aspirações mascaradas nas alienações da vida cotidiana, para fazer a diferença entre a diversão pascaliana que nos afasta de nossas verdades e a felicidade que encontramos ao ler, ouvir ou ver obras-primas que nos fazem encarar de frente nosso destino humano. E, acima de tudo, deve abrir nossas mentes há muito tempo confinadas ao imediato, ao secundário e ao frívolo, em vez do essencial: amor e amizade pela nossa realização individual, a comunidade e solidariedade dos nossos "eu" nos "nós", o destino da Humanidade da qual cada um de nós é uma partícula. Em suma, o confinamento físico deve incentivar o desconfinamento das mentes.

Para ele, essas múltiplas dimensões da crise constituem uma crise de complexidade, muito além de uma crise global de saúde, devendo-se aos erros provocados pelas insuficiências de nosso modo de conhecimento, conforme ele mesmo afirma nessa entrevista:

O conhecimento se multiplica exponencialmente, de repente, vai além da nossa capacidade de nos apropriarmos e, acima de tudo, lança o desafio da complexidade: como confrontar, selecionar, organizar adequadamente esse conhecimento, conectando-o e integrando incertezas. Para mim, isso revela mais uma vez as deficiências do modo de conhecimento que nos foi inculcado, que nos faz separar o que é inseparável e reduzir a um único elemento aquilo que forma um todo ao mesmo tempo uno e diverso. De fato, a revelação avassaladora das mudanças pelas quais estamos passando é que tudo o

que parecia separado está ligado, pois uma catástrofe na saúde traz catástrofes em cadeia para tudo o que é humano.

É trágico que o pensamento disjuntivo e redutivo reine supremo em nossa civilização e detenha o controle na política e na economia. Essa deficiência formidável levou a erros de diagnóstico, prevenção e decisões aberrantes. Acrescento que a obsessão com a lucratividade entre nossos dominantes e dirigentes levou a economias culpadas, como em hospitais e no abandono da produção de máscaras na França. Na minha opinião, as deficiências no modo de pensar, combinadas ao domínio indiscutível de uma sede frenética por lucros, são responsáveis por inúmeros desastres humanos, incluindo aqueles que ocorrem desde fevereiro de 2020.

Sempre com novas e fecundas modalidades de reflexão, Morin tem sinalizado as bases para o início da construção de uma política capaz de sustentar uma ciência numa relação responsável com a natureza, com a duração do tempo, com a qualificação do passado e, sobretudo, com valores condizentes com a nossa condição humana, conforme ele expressa, também, em seu livro “Fraternidade”⁴. Neste livro, Morin questiona a possibilidade de uma sociedade capaz de proporcionar o pleno desenvolvimento das capacidades humanas e técnicas, por uma nova via com base no fortalecimento da fraternidade, já presente nos ideais da Revolução Francesa, mas que é algo intrínseco à essência de cada indivíduo. Como a fraternidade não pode ser algo imposto, ele demonstra a necessidade de uma mudança de vida, capaz de priorizar as verdadeiras necessidades humanas. Para ele, liberdade, igualdade e fraternidade são termos complementares; a questão reside em como combiná-los. A sociedade pode promulgar leis que assegurem a liberdade ou imponham a igualdade, mas a fraternidade não pode ser imposta. Mas é possível sua regeneração por meio da busca pela religação, pela complexidade, também presentes nas solidariedades tradicionais, no retorno ao oásis da vida. Seu fortalecimento só pode se nutrir de um novo pensar (e de um novo agir), a partir de um humanismo reformulado em função das complexidades e incertezas inerentes às possibilidades de um futuro melhor para a nossa comunidade de destino.

É esse o Edgar Morin de hoje e de sempre. Um intelectual que, aos 100 anos, se

⁴ O livro foi publicado no Brasil para a Editora Palas Athena em dezembro de 2019. O título original, “La Fraternité pourquoi?” foi traduzido por Edgard de Assis Carvalho como “Fraternidade – para resistir à crueldade do mundo”, como forma que sintetiza o significado de sua leitura.

Maria Margarida Limena Um humanista planetário

utiliza de todas as formas de comunicação (um internauta convicto) para a difusão de suas ideias, para convocar a juventude a fortalecer a resistência, para nos apontar a via para que a ciência possa instrumentalizar as novas gerações na resolução salutar de conflitos, na cooperação capaz de estabelecer relações duradouras e benéficas entre as culturas, bem como a via para a sedimentação de uma atitude de fraternidade, sustentabilidade e proteção.

Saudemos Edgar Morin!

Referências

CARVALHO, E.A., *Tecnociências e sistemas complexos contemporâneos*. In: CARVALHO, E.A., MENDONÇA, T. (orgs.) **Ensaio de Complexidade II**. Porto Alegre, Editora Sulina, 2003.

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Lisboa, Europa-América, s/d

MORIN, Edgar. **As grandes questões de nosso tempo**. Lisboa: Editorial Notícias, 1970.

MORIN, Edgar. **A Religação dos Saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002. Tradução de Flávia Nascimento.

MORIN, Edgar. **Fraternidade** – para resistir à crueldade do mundo. São Paulo, Palas Athena, 2019. Tradução de Edgar de Assis Carvalho.

MORIN, Edgar. **Entrevista** a Olivier Metzger, *Le Monde*; <https://www.lemonde.fr/idees/article/2020/04/19>).

Recebido em: 01.09.21

Aprovado em: 15.10.21